a psicanálise e suas incidências na cidade

Regina Teixeira da Costa

Trabalho apresentado na PUC, nas atividades preparatórias da Odisséia Lacaniana, promovida pelo Campo Lacaniano.

Há muito iniciamos, Nilza Rocha Féres (*in memorian*) e eu, o trabalho de escrita, aos domingos, para o jornal Estado de Minas. Passados oito anos desta atividade contínua, em 1999 publicamos uma coletânea de nossos artigos preferidos no livro *Em dia com a psicanálise.*

Na introdução expusemos as reflexões insistentes que nos levaram a formular questões. Perguntávamos se seria possível, conveniente e lógico escrever a psicanálise para leigos? Se a psicanálise teria algo a dizer com relação ao que acontece nas ruas, na cidade, no mundo? O que a psicanálise tem a dizer sobre o social, a violência, a miséria, as mudanças, são questões mais relevantes que se colocam para nós, psicanalistas, quando pensamos em uma psicanálise implicada que sai dos consultórios lançando o olhar para os diversos segmentos sociais que dizem respeito à vida comum, ao cotidiano e para as novas respostas possíveis aos impasses com que nos defrontamos atualmente.

Enquanto psicanalistas nos perguntamos se podemos colocar a psicanálise ao alcance de um número maior de pessoas e não só de psicanalistas e especialistas e pôr à prova aquilo que ouvimos de Lacan: o tratamento do Real pelo simbólico. Freud dizia que o "coletivo nada mais é do que o individual". Isso nos abre caminhos para uma nova forma de escuta. Sabemos que não vamos sair por aí carregando nas costas um divã, para tratar do social.

Aceitando que os acontecimentos e a vida das pessoas na sociedade são passíveis de ser tratados pela via da linguagem, tais acontecimentos poderiam ser nomeados. Aprender a escutar o social, seus sintomas, para que daí surja um saber, que seja novo.

Convém lembrar a passagem do sistema de organização familiar ou em grupos para a vida nas cidade — ou Pólis, como era chamada na Grécia Antiga. Seus objetivos iniciais eram de amparar, proteger os homens de invasões, facilitar a vida coletiva. Naquela época, o bem do cidadão coincidia com o bem da cidade, o social prevalecia sobre o privado e a cidade era seu horizonte ético. Por isso o homem deveria estar bem, ser virtuoso. Aristóteles pensava ser o homem "um animal político" e "quem não pode fazer parte de uma comunidade, quem não tem necessidade de nada, bastando-se a si mesmo,

não é parte de uma cidade, mas é uma fera ou um deus". Hoje pensamos que a cidade perdeu seus objetivos inaugurais e se em tese todos deveriam estar bem, vivemos uma situação bem diferente. A nossa época nos reduziu a consumidores, narcisistas, que nada querem saber...

Nilza Féres, em um dos artigos, comentou que "ao sair de casa para dar uma volta de carro, tudo se pode dar a conhecer: em cada sinal uma demanda que não se sabe de quê, embora saibamos, nós, que toda demanda é demanda de amor. Como psicanalistas, nossa ética não nos permite responder a uma demanda conforme foi feita, mas podemos fazê-lo de um outro lugar. Isso porque toda demanda abriga um desejo. Temos, portanto, de assumir um boa forma de manejar essa demanda".

Nas ruas escutamos pedidos insistentes de crianças, adultos e idosos para que doemos trocados, objetos que trazemos em nossos carros, dinheiro para remédios, passagens; para que compremos chicletes, balas. Tais pedidos são muitas vezes acrescidos de tonalidade agressiva, seguida de ameaças e violência. Se estacionamos são os flanelinhas insistindo em vigiar o carro, estipulando o quanto acham conveniente receber.

Camelôs e favelas de um lado, de outro mansões. Na TV, enquanto descansamos: salário mínimo *versus* 49% de aumento para os senhores deputados. Pitta *versus* Nicéia. Itamar *versus* FHC. Pedro contra Fernando. PC *versus* PC. Camelôs, buracos no asfalto, MMR, sem-teto, sem-terra, crescimento das favelas, marginalidade, abuso de álcool e drogas, violência urbana, crescimento urbano sem planejamento, carência de estratégias para preservação do patrimônio, desrespeito com que são tratados os profissionais técnicos e seus pareceres, corrupção, delatores, CPIs, desemprego, não há educação pública decente, o SUS não funciona como devia, irregularidades na Fhemig, Febem nem se fala... Só para lembrar os mais visados ou visíveis.

Às questões do social, como as que citamos acima, chamamos sintoma, ou seja, aquilo que não anda bem. A psicanálise trata do que não anda bem no mundo; então podemos afirmar que ela tem muito a dizer sobre a cidade, seus acontecimentos, seus espaços compartilhados por milhares de pessoas que cruzam suas ruas e avenidas, carregando seu mundo dentro de si e sua própria interpretação do vivido, tão particular.

A psicanálise nos ensina que não é possível pensar em um inconsciente coletivo ou na universalização do desejo, que é a marca particular de cada um. Cada sujeito é dividido em si mesmo e, além do racional, é arrastado pelo seu desejo. O

sujeito não é dono de sua própria casa, e surpreende-se com seu inconsciente. Ele não faz par, não é completo. No social, na política e nas esferas públicas, trata-se de considerar estas divergências. Seria viável uma clínica do olhar voltada para o espaço público?

Clínica para além dos consultórios, para além do domínio privado, atenta às ruas da cidade? Uma escuta que trouxesse uma nova visão dos acontecimentos, fugindo ao imediatismo vigente, das soluções apressadas, sem o tempo de elaborar e concluir. Construir soluções, encontrando a saída para a impotência, buscando avançar, apesar das impossibilidades. Cada um pode idealizar sua cidade. Os olhares do arquiteto, do engenheiro, do jornalista, do advogado, do médico, se cruzam com diferentes éticas. Haveria uma forma de conciliar tantos olhares? E, principalmente, como não buscarmos respostas normatizadoras únicas, que valem para todos, ou um ideal adaptativo, mas abrigar essa diversidade?

De acordo com o famoso símile schopenhaueriano, lembrado por Freud em *Psicologia de grupos e análise do eu*,

> um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem, depois veio o frio e eles se aproximaram novamente, aí o segundo mal deu-se novamente. Assim ficaram pra trás e para frente, de um problema ao outro, até descobrirem uma posição intermediária, na qual podiam tolerar a existência mútua.

Na *Conferência XXXV*, Freud nos alertava — e ainda hoje podemos nos valer dessas palavras: "na realidade ainda temos de lutar, durante um tempo incalculável, com as dificuldades que o caráter indomável da natureza humana apresenta a qualquer espécie de comunidade social".

Em *Mal-estar na civilização*, retoma:

> Se não podemos afastar todo sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto: a experiência de muitos milhares de anos nos convenceu disso. Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos quanto

> fomos malsucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível jazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável — dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.

Freud se referiu a um possível programa de prevenção de orientação psicanalítica, que poderia, no futuro, atender às massas menos favorecidas, pois ele sabia sobre a natureza das relações emocionais que existem entre os homens. Comenta que o trabalho dos analistas poderia influenciar a educação, e haveria outras investigações quanto à origem e prevenção da delinqüência e do crime. Dizia estar certo do fato de que se permanecêssemos leais ao seu interesse pela psicanálise, poderíamos aprender muita coisa nova e valiosa a respeito desses temas. Ele teria atingido seus objetivos se tivesse conseguido deixado bem claras "as muitas esferas de conhecimento para as quais a psicanálise é de interesse e os numerosos vínculos que começou a forjar entre elas".

Ainda digno de nota, um outro texto de Freud, sempre Freud:

> Suponhamos que certo número de senhoras e cavalheiros, de bom convívio social, tenham planejado fazer um piquenique, em certo dia, numa hospedaria no campo. As senhoras combinaram, entre si, que se uma delas desejasse satisfazer suas necessidades fisiológicas, diria que iria colher flores. No entanto, uma pessoa maliciosa soube do segredo e mandou imprimir no programa, que se fez circular por todo o grupo: 'Pede-se às senhoras que desejam retirar-se à toilette, que anunciem que vão colher flores'. Depois disso, por certo, nenhuma mulher pensará em aproveitar-se desse pretexto florido, e, do mesmo modo, outras fórmulas similares que pudessem estabelecer ficariam seriamente comprometidas. Qual será o resultado? As senhoras admitirão, sem pejo, as suas necessidades fisiológicas e nenhum dos homens objetará.

Freud usou essa metáfora com intenção de dizer que quando as pessoas têm conflitos e não conseguem resolvê-los, fogem para as neuroses.

> Que terão de fazer essas pessoas, se sua fuga para a enfermidade for barrada pelas revelações indiscretas da psicanálise? Terão de ser honestas, confessar quais

> os instintos que nelas estão em atividade, em face do conflito, lutar por aquilo que desejam ou renunciar ao mesmo; e a tolerância da sociedade, que está fadada a seguir-se, como resultado do esclarecimento psicanalítico, ajudá-las-á em sua tarefa.

No entanto, ele nos adverte de que nossa atitude perante a vida não deve ser a do fanático por higiene ou terapia. Devemos admitir que a prevenção ideal que temos em mente não seria vantajosa para todos. Um bom número daqueles que hoje fogem para a enfermidade não suportaria o conflito, sob as condições que supomos, e se uma interpretação selvagem os fizesse encarar aquilo que não podem, sucumbiriam.

Nem por isso devemos abrir mão dos esforços de explicar o significado oculto dos sintomas, pois as neuroses são nocivas, não somente aos indivíduos isoladamente mas também para as funções da sociedade. Se o esclarecimento faz sofrer alguns, valerá a pena se alcançar

> uma atitude mais realista e respeitável, da parte da sociedade que fortalecerá o clamor pelas modificações, em nossa civilização, através das quais, unicamente, podemos procurar o bem-estar das gerações futuras e estaremos contribuindo, com a sua parcela, para o esclarecimento da comunidade, através do qual esperamos alcançar a profilaxia mais radical, contra as perturbações neuróticas...

Célio Garcia, no livro *A clínica do social*, comenta pontos interessantes:

1. As interrogações à psicanálise sobre as questões políticas e sociais. Como resposta a tais questões encontramos duas posições: a dos que pensam que a psicanálise deve se resguardar e ficar dentro dos consultórios, e a dos que acreditam que este é um saber que deve tratar também do não-saber de todos que lhe endereçam uma demanda, incluindo os problemas e as desordens sociais.

2. O cidadão conta com a dimensão política, biológica, psíquica e social, e suas questões podem ser reduzidas a um "problema social". Ele surge como sujeito e seu horizonte é político, pois ali circulam, sofrem e convivem os cidadãos — atores individuais do espetáculo urbano.

3. A grande cidade, por sua vez, é um cenário tentacular, ainda mal conhecido, espaço público, com seus fluxos e refluxos, lugares de isolamento e de exclusão.

4. A clínica surge como contribuição da psicologia e medicina frente aos métodos ditos "macros" na abordagem do

social. Esta abordagem pode ser trabalhada em efetivas estratégias de ação, programas urbanos de abordagem interdisciplinar, viabilizando espaços para a reflexão e contribuição dos profissionais das diversas áreas a responder às demandas concernidas às questões sociais.

Tais comentários nos levam a pensar que não somente pela via da escrita — que é a nossa aposta — é possível trabalhar. Há outras maneiras de se construir possibilidades de atuar com a psicanálise, viabilizando intervenções na cidade. Pierre Bruno nos alerta de que "a psicanálise não tem condições de resolver a crise social e econômica, mas pode dar uma idéia de um novo laço social".

A linguagem é um meio de integração social. O discurso, para Lacan, é um modo de uso da linguagem como vínculo. Só há vínculo social no que se designa como discurso e entre seres que falam, pois é um efeito da cadeia significante. A linguagem permite um início de ordenamento de cada sujeito, inscrevendo-o na cultura, desde seu registro civil, quando passa a ter um nome, uma origem e pode contar sua história.

Através da linguagem escrita somos chamados a colaborar para o conhecimento dos vivos, e na transformação do homem que pode assim ultrapassar o biológico e construir a história. A linguagem torna possível compartilhar significações entre as pessoas, capacitando-as a formar uma sociedade duradoura e a criar, transmitir e inserir na cultura aqueles que estão por vir.

Trabalhar com a intervenção da psicanálise, tomar conhecimento de seus sintomas, tratar o Real pelo simbólico, nomeando os fatos que nos parecem incompreensíveis, sem sentido e ameaçadores, é necessário para que algumas mudanças possam se processar.

Para isso devemos buscar uma lei que pacifica e acalma, conduzindo à socialização, e não sua outra face, feroz, que pune e provoca a exacerbação de atos de violência e vingança e que tem sido atualmente a mais praticada, como se pode ver no caso dos adolescentes com a Febem, nos casos de corrupção, nessa onda de delatores que assistimos a todos os dias na TV. Muitos gozando disso. Substituir os prazeres primitivos e a agressividade natural do homem por um pacto necessário à vida social. Não quero dizer que faremos filantropia, tampouco adaptaremos sujeitos ao "politicamente correto", mas olhar para o futuro nos parece a cada dia mais difícil e este é o mundo que deixaremos para nossos filhos. Portanto, é preciso que se pergunte: que tipo de cultura é esta? "Nenhuma lei eliminará as pulsões mas poderá ser uma forma de regulação delas."

Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo FCL - SP

Portanto, cabe ao psicanalista com condições para uma leitura dos acontecimentos diários, intervir de forma a fazer ver a todos que há o que fazer, apesar das impossibilidades com as quais nos deparamos no Real. Cabe a nós o dever de fazê-lo, pois também o psicanalista faz parte dessa comunidade.

Parafraseando Nilza Rocha Féres, nossa inesquecível colega: "É sempre tempo para que haja uma interlocução entre diversos profissionais e segmentos da sociedade, para que se possa dizer novamente com Otto Lara Resende: 'Eu te saúdo, Belo Horizonte, de ar fino, de céu azul de manhãs de abril. Deus te proteja dos homens e faça com que tu protejas os homens que nascem, vivem e morrem em seu seio."



referências bibliográficas

BRUNO, Pierre. Entrevista concedida ao jornal *Estado de Minas*, às psicanalistas Nilza Rocha Féres e Regina Teixeira da Costa, 1996.

FÉRES, Nilza Rocha, COSTA, Regina Teixeira da. *Em dia com a psicanálise*. Belo Horizonte: A. S. Passos, 1999.

FREUD, Sigmund. O interesse da psicanálise para ciências não-psicológicas. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIII.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XXI.

FREUD, Sigmund. As perspectivas terapêuticas da terapia psicanalítica. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XI.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIV. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXV. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII.

GARCIA, Célio. *A clínica do social*. Publicação do Mestrado em Psicologia Social, Belo Horizonte, 1997.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro XVII: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.